



O envelhecimento na prática pedagógica de uma escola de ensino fundamental

Aging in pedagogical practices in a brazilian elementary school

Gilsenir Maria Prevelato de Almeida Dátilo*, Mariana Moron Saes Braga**
*Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", **Campus de Marília, Brasil

Resumo

A legislação brasileira preconiza que os currículos possuam conteúdos voltados ao envelhecimento e ao idoso. A pesquisa investigou como é tratada no ensino fundamental tal temática. Foram realizadas entrevistas com professores e gestores de uma escola pública do interior de São Paulo, sobre a concepção de envelhecimento e como essa questão é tratada na prática pedagógica. Os dados foram analisados de acordo com Bardin. Para os professores e gestores o envelhecimento é um processo natural da vida, com ganhos e perdas. Os entrevistados reconhecem a importância dessa temática, porém ela não é tratada de forma sistemática na escola. *Palavras chave:* educação, envelhecimento humano, ensino fundamental, estatuto do idoso.

Abstract

Brazilian legislation advocates that the curricula contain contents related to aging and the elderly. This research has investigated how such theme is approached in Elementary Schools. Interviews with teachers and managers of a public school in the countryside of São Paulo state have been made, concerning the idea of aging and how such theme is approached in pedagogical practices. The data has been analyzed according to Bardin. According to the teachers and managers, aging is a process which is natural to life, containing gains and losses. The interviewees have recognized the importance of such theme, however it is not approached systematically in the school. *Keywords:* education, human aging, elementary school, elderly statute.

Introdução

O Brasil encontra-se em um intenso processo de envelhecimento populacional, fato que representa um desafio para o século XXI (JACOB FILHO, 2009). Segundo França, Silva, Barreto (2010), no ano de 2020, a expectativa de vida no país ultrapassará os 75 anos, representando 34 milhões de idosos, o que equivalerá a 15% da população. Faz-se necessária, a adoção de medidas, como, por exemplo, desenvolver um trabalho com as crianças para prevenir os preconceitos quanto ao envelhecimento e possíveis conflitos intergeracionais que a sociedade poderá enfrentar diante das mudanças no perfil etário da população e das necessidades daí decorrentes.

As políticas públicas que estimulam o envelhecimento ativo devem garantir os direitos sociais ao longo da vida.

No Brasil, o Estatuto do Idoso, onde a lei n.10.741, de 01/10/2003, propõe em seu Art. 22 do Cap. V, que nos currículos de ensino fundamental I e II seja incluída a discussão sobre o envelhecimento humano, de modo que essa fase da vida seja vista pelas futuras gerações com menos preconceitos e estigmas, e, conseqüentemente, com mais respeito e valorização.

Diante dessa recomendação, esta pesquisa realiza uma investigação referente a como é tratada no ensino fundamental a questão do envelhecimento humano e do idoso. As perguntas foram destinadas a professores e gestores, compreendendo coordenador pedagógico e diretor de uma escola pública brasileira de ensino fundamental do município de Marília, Estado de São Paulo.

Como citado acima, o Brasil caminha rapidamente rumo a um perfil demográfico cada vez mais envelhecido. Diante de tal fato é preciso pensar em como serão vistos e tratados os idosos no futuro, aspecto em que as escolas do ensino fundamental poderão auxiliar, ao *Inserir conteúdos gerontológicos nos currículos de ensino fundamental, [...que]significa criar possibilidades de compreensão da sociedade brasileira atual, visto que esta temática tem uma abrangência nacional e apresenta considerada urgência social, considerando o contingente da população que se aproxima ou já ultrapassou os 60 anos de idade. Além de ser uma grande possibilidade de autorreflexão, visto que o envelhecimento é um processo contínuo e inerente a todas as pessoas.* (Albuquerque, Cachione, 2013, p. 143).

A presente pesquisa se justifica se pensarmos nos alunos que frequentam o ensino fundamental; para que possam ter uma boa visão sobre o idoso e o envelhecimento, far-se-á necessário, entre outros fatores, que tenham professores que possuam conceitos adequados sobre o tema.

Desenvolvimento do estudo

Para atingir o objetivo da pesquisa elegeu-se o uso de entrevistas semiestruturadas e gravadas.

Foram participantes do estudo a diretora, a coordenadora pedagógica e 17 professoras de uma escola de ensino fundamental no município de Marília (SP).

Este estudo é derivado de um projeto denominado "Envelhecimento e ser idoso no século XXI", o qual foi

enviado ao Comitê de Ética e Pesquisa da UNESP de Marília (SP) e aprovado sob número CEP-2013-682.doc.

Visando à sua realização e análise, o roteiro foi subdividido em três grupos de questões:

1. concepção de envelhecimento e idoso;
2. como é trabalhado o envelhecimento na prática pedagógica; e
3. colaboração da universidade e de outros setores da sociedade na abordagem do envelhecimento.

Na primeira parte do roteiro, duas questões pretendiam observar de que forma os pesquisados compreendem o envelhecimento e o ser idoso nos dias de hoje.

No segundo grupo, as questões tratavam o envelhecimento na prática pedagógica. Neste grupo, havia perguntas sobre a série ou a idade ideal para se trabalhar o envelhecimento na escola, e se a professora tem trabalhado a temática em suas aulas.

No terceiro grupo, o entrevistado devia relatar a contribuição de outras áreas da sociedade com a escola para abordar a temática do envelhecimento. Além disso, havia perguntas que tentavam identificar de que forma os entrevistados avaliam que a universidade, em especial a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP), poderia ajudar os professores a tratar de maneira mais adequada, a questão do envelhecimento.

Seguindo essas diretrizes, foram realizadas na escola 19 entrevistas com professores e gestores, assim nomeados: professor (P) e diretor (D). Após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, iniciava-se a gravação da entrevista, segundo o roteiro mencionado. As entrevistas tiveram a duração em média de 20 minutos e posteriormente, foram transcritas na íntegra pelas pesquisadoras para serem analisadas.

Resultados e discussões

Discorreremos, a seguir sobre as várias temáticas investigadas.

Concepção de envelhecimento e de idoso. Em relação ao envelhecimento, pode-se observar que sete entrevistadas destacaram aspectos negativos e sete entrevistadas apontaram aspectos positivos. Quatro entrevistadas evidenciaram um olhar mais imparcial em relação ao envelhecimento, ou seja, o envelhecimento seria uma decorrência natural da vida.

A diretora da escola tem uma concepção positiva do envelhecimento e a resposta da coordenadora pedagógica pode ser inserida dentro das respostas consideradas neutras. Para a coordenadora, o envelhecimento é uma consequência normal do ciclo da vida. A seguir, três exemplos de respostas: uma que ressaltou aspectos negativos; outra, positivos e uma; dita imparcial, respectivamente:

P1 (Envelhecimento). *Para mim é a deterioração. Acho que é essa a palavra-chave. Deterioração mesmo.*

Interessante observarmos que “quando o outro define o envelhecimento e a velhice, percebe-se que o preconceito é uma característica marcante e são utilizados estereótipos negativos sobre a velhice”. (Jardim, Medeiros, Brito, 2006, p.26).

P5 *O envelhecimento humano... bom, se eu falar por mim, eu acho, assim, eu não tô sentindo problema. Eu não sinto que eu tenho essa idade de sessenta e um anos. Eu tô sempre disposta, eu não sou doente, eu não tenho nada assim. Então, mas eu reconheço que o nosso país discrimina muito o idoso. Assim, quando eu vejo- mesmo na televisão, que fala assim “a pessoa, a idosa de 55 anos, 60 anos, a idosa”, eu falo “nossa, mas isso parece que tem um peso, parece que a pessoa não presta mais pra nada”. Né? É assim que eu sinto. Não a meu respeito, mas quando a mídia, quando todo mundo se refere “nossa, sessenta anos” é o fim do mundo já, parece que já tá com o pé na cova, e não é assim. Eu acho que a gente ainda produz muito. Eu tenho uma vida ativa, eu participo de tudo, eu não sou doente, eu voltei a trabalhar. Quer dizer, nunca parei de trabalhar, sempre trabalhei muito. Pra mim, por enquanto não tá pesando, a não ser assim, que a gente vai vendo como vai ficando mais feinha né, vai pintando, vai enrugando... isso a gente, né. É mais desagradável. Mas eu não tô sentindo tanto, pra mim a idade é uma boa.*

P14 *Ah, eu acredito que, se pensar primeiramente da forma biológica, né, então já é o envelhecimento natural, que as nossas células, toda parte do nosso organismo vai sofrendo, né, com o passar do tempo, e... eu vejo como uma coisa natural, faz parte da vida.*

Pode-se inferir pelas respostas que evidenciaram aspectos positivos que a concepção de envelhecimento das entrevistadas está diretamente relacionada à concepção de envelhecimento ativo. Semelhante resultado foi encontrado por Teófilo, Soares (2011, n/p) ao afirmar que

O envelhecimento ativo permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que tenham participação contínua nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis, e não somente ligado à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho.

Com a idade, as doenças surgem e a pessoa idosa pode perder algumas de suas faculdades motoras e cognitivas, mas mesmo assim ela não se vê negativamente, estando relacionada a valores tais como sabedoria, experiência e qualidade de vida. Segue uma resposta que ilustra esse posicionamento:

P14 *“Acho que o envelhecimento humano falando fisiologicamente, é a pessoa estar envelhecendo!! Passando por anos e tudo vai ficando mais difícil, né? Todas as atitudes, gestos, movimentação, locomoção.... Tudo vai ficando mais difícil, né? Acho que o envelhecimento traz isso também. Mas acho que dá para envelhecer sem envelhecer cabeça. Dá para continuar culto, dá para continuar lendo, estudando, fazendo parte da sociedade... Eu espero acontecer isso comigo”.*

Em relação à concepção de idoso, de maneira geral, as respostas podem ser agrupadas em três categorias. De um total de 19 entrevistas (incluindo a diretora da escola e a coordenadora pedagógica), pode-se afirmar que onze estão relacionadas ao envelhecimento ativo, cinco ressaltaram aspectos negativos desta fase da vida e três foram mais objetivas, relacionando apenas à determinada idade.

Em relação à primeira categoria de respostas, aquelas relacionadas ao envelhecimento ativo, percebeu-se que três do total de onze respostas enfatizaram aspectos positivos como momento da vida em que se tem muita sabedoria, ou momento de fazer coisas novas e curtir a vida. Segue um exemplo ilustrativo desse tipo de resposta:

P4 “*Quem é o idoso? O idoso seria aquele acima de sessenta, que já contribuiu com a sociedade, que tá agora procurando outros caminhos, é... novas possibilidades, mas que ainda não deixou de ter obrigações na sociedade, que não deixou de poder contribuir com ela. Não é porque aposentou que a pessoa deixa de contribuir. Eu penso que é mais ou menos isso*”.

Para estas entrevistadas, o idoso continua sendo uma pessoa que participa das questões que o cercam, sejam elas sociais, econômicas, culturais, civis etc. Da mesma forma, para elas, a pessoa idosa passa a viver uma nova fase, com novos planos e oportunidades. Conceito semelhante foi encontrado por Lima (2005), ao afirmar que o idoso começa a mostrar outro estilo de vida e que, ao invés de ficarem em casa, isolados, partem em busca de diversão, viagens, universidades, teatros, bingos, grupos, os clubes etc.

Pode-se dizer que para as outras oito entrevistadas o envelhecimento humano é um processo inevitável de decurso do tempo, mas o ser idoso é uma experiência que dependeria de opções do próprio sujeito e de outros fatores que podem contribuir ou não para um bem-estar físico, mental e social. Também conseguem perceber que há heterogeneidade no envelhecimento e que a qualidade de vida, autonomia e independência não estão diretamente relacionadas somente à idade biológica.

Eis algumas respostas para exemplificar o que foi dito acima:

P17 “*Ser idoso...? Bom, não sei. Poderia até falar em termos de lei, idade, né? Mas ser idoso acho que quando você chega naquela fase que você já viveu tudo que tinha que viver, já passou por filhos, netos, chegou numa fase que você só vai colher os frutos do que você plantou, né? Se você plantou uma vida regrada, pensando na saúde, você vai colher uma velhice boa!! Se você leu, se capacitou, então acho que você vai ter uma velhice diferente. Então acho que idoso é aquele momento em que você começa a colher as coisas que você plantou. Acho que é isso.*”

P13 “*Então... eu acho que o ser idoso... eu acho que ele já não tem muito a ver com questão do envelhecimento do corpo humano... eu acho que ser idoso eu acho que não tem... não tá totalmente*

ligado ao envelhecimento humano... porque assim, só pra diferenciar, eu acho que envelhecimento humano seria mais questão do corpo mesmo, esse cansaço físico, essa coisa natural que acontece com todo mundo. Agora, o ser idoso, eu acho que talvez esteja mais ligada a uma questão de espírito por exemplo. Porque eu vejo que muitas pessoas, por exemplo, que têm 60 anos de vida é ativa, tá sempre trabalhando sempre de bem com a vida... e ela não se sente idosa e não gosta de ser chamada assim, independente da idade. Agora, ao contrário, né, tem algumas pessoas que têm 40 mas agem como se tivessem 60. Tão sempre cansados, com dores no corpo, vivem tomando remédio... então, eu acho que ser idoso, eu acho que tem mais a ver com uma questão para a pessoa, tem mais a ver de como ela se sente. Agora, para a sociedade né, eu acho que a gente se declara idoso a partir dos 60 anos.”

Quanto ao outro grupo, os entrevistados relacionaram o ser idoso a uma experiência negativa, referindo-se àquelas pessoas que apresentam alguma doença ou vivem com alguma necessidade especial. Também relacionaram o idoso a comodismo, dependência, ausência de perspectivas, ausência de ânimo e/ou disposição para algo novo. As respostas de referência são as seguintes:

P2 “*Idoso... é uma pessoa que não... que já não quer saber mais da vida, não quer saber mais de companhia, tá cansada, não se anima com nada... não quer passear, não quer conversar, não quer se atualizar, não quer, não quer saber de nada, fica lá... sem fazer nada mesmo. Uma pessoa idosa. Tempo que você começa a colher as coisas que você plantou. Acho que é isso.*”

P8 “*Uma pessoa idosa é aquela que não tem condições suficientes para se manter sozinha, né. Apesar de que... hoje, o idoso é acima de sessenta anos, né. Mas pra mim é aquela pessoa que não consegue, tem que ter uma certa assistência... dos familiares.*”

P9 “*Idoso é, depois de uma certa idade, depois do sessenta já é considerado, né? Depois do sessenta já é uma pessoa- podemos dizer que o idoso precisa de certos cuidados né, diferenciados, tanto na parte de, de cuidados com o corpo, de mente, de família. Isso é idoso pra mim.*”

O terceiro grupo compreende respostas mais sucintas em que o ser idoso é ser velho ou ter determinadas idade. Como exemplo:

P3 “*Ser uma pessoa mais velha.*”

Sabe-se que os “conceitos de envelhecimento saudável, ativo, robusto e bem-sucedido não encontram sustentação nos estudos que consideram apenas a longevidade como critério”. (Teixeira, Neri, 2008, p. 91). Segundo as autoras, o envelhecimento como processo, envolve múltiplos fatores individuais, sociais e ambientais, determinantes e modificadores da saúde.

Faixa etária ideal. Foi perguntado às profissionais da educação entrevistadas se elas consideravam importante abordar o tema do envelhecimento na escola. Todas as entrevistadas entendem que sim, é importante tratar da questão.

Sobre a série ou faixa etária ideal para se começar a trabalhar com a temática, pode-se dividir as respostas em duas grandes categorias: Dez entrevistados, dentre eles a diretora e a coordenadora, mencionaram a idade de seis anos. Alguma delas se referiram à idade e outras à primeira série, que é o nível escolar em que as crianças de seis anos estão matriculadas (é o primeiro ano escolar do chamado ensino fundamental).

O outro grande grupo, mais precisamente nove, entende que é preciso tratar da temática desde cedo. Nas respostas, as professoras utilizaram as seguintes expressões: desde o maternal (que é o primeiro ano da educação infantil), todas as faixas etárias, desde a pré-escola (antigo nome dado à educação infantil, que compreende a escolarização de crianças até os seis anos), desde pequenos.

Como é trabalhado o envelhecimento na prática pedagógica. Para a equipe de gestão, questionou-se a escola tem conseguido trabalhar a temática do envelhecimento. Tanto a diretora quanto a coordenadora expressaram a mesma opinião sobre o assunto. Ambas entendem que o tema não é trabalhado de maneira aprofundada e que não há um projeto específico para tratar desta questão.

A resposta da diretora:

D “É aquilo que eu falei. Eu acredito que elas trabalham de forma mais abrangente, elas não aprofundam muito a questão, por isso eu gostei muito da pesquisa que vocês estão fazendo e creio que poderemos desenvolver um projeto juntos. A pesquisa veio para abrir nossos olhos. Em história por exemplo, temos lá a família, com certeza eles devem falar...aqui no nosso contexto temos muitos avós que cuidam dos netos. Por isso te falei que eles falam sobre respeito, solidariedade.”

Aos professores da escola questionou-se se eles trabalham e como, a referida temática em suas aulas. Seis professoras disseram não tratar do assunto em suas aulas. Apenas uma professora respondeu que sim, que considerava tratar do assunto em suas aulas.

P14 “Ah, eu acredito que sim. Eu acredito, porque a gente trabalha muito através de literários né. Então sempre quando você faz uma leitura de alguma coisa que puxa esse tema, né. Eu mesmo, sempre procuro temas diversificados, temas que falam de animais, do idoso, tem vários livros, né, que são muito bons pra isso que falam dos avós, tem aquele “O Guarda-Chuva do vovô”, é... agora me fugiu o nome, mas tem outro literário que fala dos avós, também, que fala da despedida deles, porque já é uma pessoa bem velhinha mesmo, né. Então tem vários livros que abordam isso, tem também às vezes comemorações, datas comemorativas, né, que tem o dia do avô... sempre tô falando isso, abordando o respeito ao próximo,

né. Nas aulas de história, cotidianamente mesmo, surgem situações, né. Alguma reportagem, algum fato que tenha acontecido, né.”

Todas as professoras restantes, dez no total, utilizando expressões diversas manifestaram que tratam um pouco da temática em suas aulas, mas não de maneira mais sistemática ou criteriosa. Para as professoras, o assunto é tratado quando algum problema familiar acontece pois muitos deles são criados pelos avós, quando o assunto é abordado em algum livro, seja didático ou obra literária, ou para promover o respeito a funcionários da escola que tenham mais idade.

As professoras também mencionam que nas poucas vezes em que o assunto é tratado, ele é tratado de maneira informal em rodas de conversa e contação de histórias.

A seguir, alguns exemplos demonstrativos das respostas:

P4 “Muito pouco. Eu falei que eu tenho esses livros, alguns livros que eu trabalho com eles, mas eu não digo que eu aprofundo, não, eu não aprofundo. Em algum momento eu tratei, em algum momento eu falei, mas foi muito leve, eu nunca parei pra aprofundar no tema”.

P7 “Em situações... por exemplo, acontece uma situação na sala de aula, um desrespeito com a mãe do outro, ou um desrespeito com o pai do outro, porque... né, alguma situação assim. Aí a gente atua, com certeza. Os valores. Não uma aula preparada pra isso, mas sempre procurando a valorização de um funcionário, de uma pessoa mais velha, na escola, né, o respeito, valorizar o serviço, às vezes de uma merendeira que já tá com idade, né. Então, de uma certa forma... quando a questão aparece...”.

Colaboração da universidade e de outros setores da sociedade na abordagem do envelhecimento.

Nesta última fase, foi inicialmente perguntado para as entrevistadas que outras áreas da sociedade poderiam contribuir com a escola na abordagem do envelhecimento. A tabela a seguir apresenta as áreas, instituições ou profissionais mencionados pelas profissionais da escola entrevistadas.

Tabela 1.
Contribuição de outras áreas da sociedade

Outros setores	Número de menções
Área da saúde	06
Universidade	04
Família	03
Prefeitura Municipal	02
Psicólogos	02
Igreja	02
Centros comunitários	01
Médicos	01
Fisioterapeutas	01
Área da educação	01
Assistentes sociais	01
Polícia	01
Organizações não governamentais (ONGs)	01

Fonte: elaboração própria.

A área da saúde foi apontada, de maneira generalizada, seis vezes enquanto que a universidade apenas quatro vezes. A família foi citada três vezes.

Além da área da saúde ter sido a mais referida nas respostas obtidas, pode-se perceber que os profissionais da saúde, especificamente, foram lembrados: médicos, psicólogos, fisioterapeutas.

A ênfase dada à área da saúde reflete uma questão importante que pode ser inferida das respostas. Sobre outros setores colaborando com a escola na abordagem do envelhecimento, as professoras estão considerando trabalhar a temática do envelhecimento da perspectiva do aluno que hoje é uma criança, mas que futuramente será um idoso.

Elas consideram importante refletir sobre o idoso no sentido do respeito à diversidade e ao outro como idoso. A questão do respeito à pessoa que já é idosa no presente foi muito enfatizada em outras respostas. As professoras mencionaram o respeito aos avós, aos funcionários da escola etc.

Eis uma resposta para exemplificar o fato acima:

P10 *“Acho que a questão da área da saúde, né. Um profissional falando, de repente, sobre o envelhecimento, as mudanças no corpo. Porque eles sabem, eles conhecem a mudança, principalmente com as minhas crianças que são do quinto ano, que é finalzinho do ciclo um. Então, eles já percebem no corpo deles que eles estão sofrendo uma mudança, mas eles não conseguem ver que não é a única mudança da vida deles, que eles vão passar por outras, e eles vão chegar à mudança que vai transformá-los em idosos. Eu acho que a área da saúde, dizendo, falando, explicando, mostrando... eu acho que ajudaria.”*

Por fim, foi perguntado como a universidade poderia contribuir para que o tema do envelhecimento fosse melhor tratado. A diretora mencionou a possibilidade de elaboração de um projeto em parceria entre a universidade e a escola. A coordenadora não foi mais específica, ela compreende que deve ser feita alguma intervenção com os professores e ressaltou que no dia-a-dia, tanto ela como os professores, se envolvem demasiadamente com a aprendizagem dos alunos e acabam desconsiderando outras temáticas relacionadas à cidadania.

Em relação às professoras, seis delas se referiram a palestras, cursos de capacitação e/ou rodas de conversa. Outras seis enfatizaram a ida do idoso à escola. Neste momento, importa ressaltar que a apresentação das pesquisadoras e de seu currículo pode ter influenciado as respostas a essa pergunta. As pesquisadoras, ao se apresentarem, mencionaram que coordenam a Universidade aberta à terceira idade, um projeto de extensão vinculado à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Campus de Marília.

Dessa forma, as professoras mencionaram que os idosos poderiam ir até a escola para atividades diversas, tais como relatar suas histórias de vida, para uma apresentação de teatro, uma exposição de artesanato, rodas de conversa etc.

Além das respostas mencionadas, uma professora enfatizou que a universidade poderia contribuir oferecendo algum material pedagógico de apoio. E outras duas enfatizaram que a maior colaboração da universidade deve ser dada no momento da formação do professor, durante o curso de pedagogia.

Considerações finais

Nota-se que há coerência entre os grupos de respostas. Para as entrevistadas, o envelhecimento de fato é um processo inevitável, que faz parte do processo natural da vida, com ganhos e perdas. Sem desconsiderar a influência de fatores externos ou imprevisíveis, os entrevistados compreendem que o “ ser idoso” dependeria também de escolhas do próprio sujeito em relação às formas de se encarar a vida e as mudanças que ela nos impõe.

Pode ser que esteja ocorrendo uma tomada de consciência de que o que seremos no futuro depende de fato de decisões e ações tomadas ao longo da vida. Daí a ênfase na colaboração dos profissionais vinculados à área da saúde.

Essa pesquisa suscitou nos professores, reflexões a respeito de seus processos de envelhecimento e, também, da importância de tratar essa questão com seus alunos. Sugere-se que outras pesquisas com esse tema sejam realizadas, visando, em um segundo momento, a propostas didáticas que figurem como possibilidade de se pensar o envelhecimento no contexto do ensino fundamental.

Referências

- Albuquerque, M.S.; Cachioni, M. (2013, setembro). Pensando a Gerontologia no Ensino Fundamental. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 16, n.5, p.141-163. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP.
- Brasil. Senado Federal. Secretaria Especial de Editoração e Publicações, Subsecretária de Edições Técnicas. **Estatuto do Idoso e normas correlatas**. Brasília, DF, 2003.
- França, L.H.F.P.; Silva, A.M.T.B.; Barreto, M.S.L. Programas intergeracionais: quais relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **rev. bras. geriatr. gerontol.**, rio de janeiro, 2010; v. 13, n. 3, p. 519-531, 2010.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Sobre a condição de saúde dos idosos: indicadores selecionados. **Estudos e Pesquisas: indicadores Sociodemográficos e de saúde no Brasil**, Rio de Janeiro, n.25, p.79-96, 2009. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/indic_sociosaude/2009/indicsaude.pdf. Acesso em: 15 mar. 2014
- Jacob Filho, W. Fatores determinantes do envelhecimento saudável. **BIS. Boletim do Instituto de Saúde**, São Paulo, s/v, n. 47, p. 27-32, abr. 2009.
- Jardim, V.C.F.S.; Medeiros, B.F.; Brito, A.M. Um olhar sobre o processo do envelhecimento: a percepção de idosos sobre a velhice. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v.9, n.2, p. 25-34 2006. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/pdf/4038/403838770003.pdf>
Acesso em: 21 jun. 2017

Lima, M.P. Gerontologia educacional: uma pedagogia específica para o idoso - uma nova concepção de velhice. São Paulo: LTR, 2005.

Teixeira, I.N.A.O.; Neri, A.L. Envelhecimento bem-sucedido: Uma meta no curso da vida. *Psicol. USP*, São Paulo, jan./mar., v.19, n.1, p. 81-94, 2008. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000100010. Acesso em: 28 jun. 2017.

Teófilo, N.S.; Soares, N. O. Envelhecimento Ativo como experiência de vida: Narrativas de pessoas idosas. XXVIII Congresso de Iniciação Científica, 2011. Disponível em:
file:///C:/Users/User/AppData/Local/Temp/RESUMO_45486195850_ptg. Acesso em: 28 jun. 2017